

PRECISAMOS FALAR SOBRE O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA: UMA ANÁLISE FÍLMICA DO RACISMO INSTITUCIONALIZADO

doi: 10.47930/1980-685X.2020.1605

COSTA SILVA, Fernanda – fernanda.corrs@gmail.com
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Avenida Amazonas, 7675, Nova Gameleira
30510-000 – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

CORDEIRO ALVES MARQUEZINI, Hellen – hellenmarquezini@gmail.com
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Avenida Amazonas, 7675, Nova Gameleira
30510-000 – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

BAMBIRRA DE ASSIS, Lilian – lilianbassis@hotmail.com
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Avenida Amazonas, 7675, Nova Gameleira
30510-000 – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

***Resumo:** Este artigo teve por objetivo promover reflexões, por meio de uma análise fílmica, a respeito da institucionalização do racismo na sociedade estadunidense a partir da análise do filme O Ódio que Você Semeia (The Hate U Give), de modo a alinhar a visão unilateral da evolução da sociedade às discussões acerca do racismo junto à população negra. A pesquisa torna-se relevante em virtude dos recentes casos de homicídios de homens negros cometidos pela polícia norte americana sem que houvesse fato motivador, despertando na população afroamericana a indignação e a percepção que se tratavam de crimes de ódio racial. A recorrência de casos provocou um levante popular denominado Black Lives Matter. Para atingimento do objetivo proposto, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a institucionalização histórica do racismo e suas novas formas de expressão bem como a reorientação da sociedade no que tange o contexto discursivo racial. Em seguida, foi realizada a apresentação do filme objeto de análise e a análise de cinco trechos do filme de forma a explorar os conceitos apresentados. Os resultados mostraram que O filme O Ódio que Você Semeia possui elevada carga reflexiva acerca do racismo institucionalizado na sociedade estadunidense permitindo ilustrar como ocorrem os processos e a relação racista*

da sociedade no referido contexto. Essa análise se ateve ao filme anteriormente citado. Apesar de trazer contribuições ao tema, não deve ser generalizada.

Palavras-chave: *Racismo institucionalizado. Análise fílmica. Genocídio negro.*

1 INTRODUÇÃO

A ordenação da sociedade fundamentada no seu grau de evolução econômica estrutura a base sociocultural da modernidade. Dessa ordenação, foram suprimidas outras variedades culturais e especula-se que a natureza dos problemas básicos das sociedades apresenta dimensões distintas da cultura (CAPRA, 2006). Do mesmo modo, a sociologia weberiana preconiza que a universalização dos fenômenos culturais predominantes trata-se de uma visão conceitual da civilização ocidental (SILVA, 2001).

Lima e Vala (2004, p.401) ao aludirem uma linha argumentativa rousseauiana sobre a introdução da propriedade que acarretou o desaparecimento da igualdade, a necessidade de se utilizar do suor humano e o crescimento da escravidão e miséria, avaliaram que poderiam “acrescentar à escravidão e à miséria o surgimento do preconceito e do racismo”.

O racismo engloba elementos excludentes e discriminatórios e é entendido como um processo relacional de re-significação do indivíduo ou grupo social considerando os traços externos desses (LIMA; VALA, 2004). Mesmo ligado a qualquer discriminação étnica, o enfoque dado ao racismo no contexto da presente análise será em relação às pessoas negras.

Considerando a necessidade de reflexão e discussão desses tópicos, objetivou-se com o artigo ilustrar a institucionalização do racismo na sociedade por meio da análise do filme *O Ódio que Você Semeia*. De forma específica, pretendeu-se alinhar a visão unilateral da evolução da sociedade às discussões acerca do racismo retratadas no filme e descritas pela academia (MCCONAHAY, 1976, 1986; KINDER; SEARS, 1981; SEARS, 1988; KATZ; HASS, 1988; VAN DIJK, 2000; MILES; BROW, 2003; LIMA; VALA, 2004; PEREIRA; VALA, 2010; PASCALE, 2010; SCHUCMAN, 2014; DOVIDIO; PEARSON; PENNER, 2018). Além disso, pretendeu-se destacar trabalhos que vislumbram caminhos alternativos para um novo tipo de ordenamento econômico e, sobretudo, cultural da sociedade (HABERMAS, 1989; WEBER, 1991; BAUMAN, 1997; ENRIQUEZ, 1997; TOMAŠEVSKI, 2003; DIENE, 2003; JONAS, 2006; ARAÚJO; AIRES; FARIAS NETO, 2015; LARA; VIZEU, 2019).

O filme *O Ódio que Você Semeia* (*The Hate U Give*), produzido no ano de 2018 e dirigido por George Tillman Jr., é baseado no livro homônimo de Angie Thomas. A produção retrata os conflitos vivenciados por uma adolescente negra que testemunha o assassinato do amigo de infância por um policial branco, abordando o racismo, como ele se configura e está enraizado nas relações pessoais e sociais do contexto estadunidense. Nos Estados Unidos, o racismo é considerado como parte da fundação da sociedade e de suas instituições (GRIFFITH et al., 2007).

A indústria cinematográfica apresenta-se como uma produtora de entretenimento e tem prestado uma grande contribuição, elevando o número de produções com alto potencial discursivo acerca dos fenômenos sociais e colocando o telespectador em um lugar privilegiado para a promoção do pensamento e reflexão acerca do que está sendo retratado (ALMEIDA, 2015). Barros (2011) enfatizou que a produção cinematográfica além de uma expressão cultural, apresenta-se como representação da realidade percebida.

Para cumprir com o propósito, este trabalho foi estruturado da seguinte maneira: no referencial teórico foram abordadas as discussões que envolvem a institucionalização do racismo e como ele se configura nas relações sociais, além de acrescentar as contribuições de autores que colocam em pauta a necessidade de reordenação da sociedade; na metodologia, cinco trechos do filme foram categorizados em (i) racismo institucionalizado e formas de expressão, (ii) reorientação da sociedade para análise e discussão de forma a explorar os conceitos apresentados; nas considerações finais, o contexto do fechamento versou sobre a necessidade de reflexão acerca do racismo, bem como as possibilidades de análises futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, dissertou-se sobre a institucionalização histórica do racismo e suas novas formas de expressão, destacando os conceitos de autores cujas pesquisas foram realizadas no contexto estadunidense. Dissertou-se, ainda, sobre a reorientação da sociedade com vistas a ressaltar trabalhos que vislumbram caminhos alternativos para um novo tipo de ordenamento da sociedade.

2.1 A institucionalização histórica do racismo e suas novas formas de expressão

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada (MBEMBE, 2014, p. 11).

Uma das desigualdades descritas por Rousseau (1989) trata-se da desigualdade moral ou política que depende de algum formato de convenção estabelecida e se torna legitimada por meio do consentimento dos homens. Assim, os privilégios de uns se dão pelo prejuízo de outros em uma sociedade moldada a prescrever os formatos sancionados dos padrões de vida.

Considerando o pensamento de Mbembe (2014), a conjuntura do racismo pode ser considerada sancionada pela sociedade, cujo nome “Negro” passou a ser fruto de um ordenamento social e técnico imanente ao capitalismo, bem como da sua manifestação de forma globalizada. Além disso, foi “inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado” (MBEMBE, 2014, p.19).

Nos Estados Unidos (EUA), a discriminação explícita em relação aos afro-americanos foi predominante na história do país até meados dos anos 1960, história esta balizada pela segregação e tratamento particularmente racista (SEARS, 1988).

A década de 1960, no contexto estadunidense, é marcada pela ocorrência de eventos que envolveram parte das edificações de ações afirmativas. A Lei dos Direitos Civis (Civil Rights Act, 1964) proibiu a discriminação racial nos EUA e é considerada um dos principais mecanismos legais do país, pois passou a permitir o uso comum por brancos e negros de espaços, escolas, transporte, restaurantes, dentre outros estabelecimentos país (CONTINS; SANT’ANA, 1996). Contudo, conforme apontado por Pettigrew (1985), embora muita coisa tenha mudado desde 1964, graves e difíceis manifestações de racismo nos âmbitos individual e institucional ainda ocorrem de forma proeminente nos Estados Unidos.

O racismo institucional, na perspectiva de Werneck (2016, p.542):

[...]desloca-se da dimensão individual e instaura a dimensão estrutural, correspondendo a formas organizativas, políticas, práticas e normas que resultam em tratamentos e resultados desiguais. É também denominado racismo sistêmico e garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados, atuando como alavanca importante da exclusão diferenciada de diferentes sujeitos nesses grupos. O conceito foi cunhado pelos ativistas do grupo Panteras Negras, Stokely Carmichael e Charles Hamilton, em 1967.

Oliveira (2004) enfatizou que o não reconhecimento cultural da identidade afro-americana nos EUA trata-se de uma agressão, ou seja, apenas o reconhecimento legal da população negra é entendido como uma ofensa. Assim, considerou-se no contexto do presente trabalho que “o reconhecimento só se realiza adequadamente quando é produto da internalização de um sentimento”, em uma dimensão social, cujas relações ocorrem por meio das experiências compartilhadas (OLIVEIRA, 2004, p.86).

Tomaševski (2004) ao debater educação e racismo, pontuou que o reconhecimento da educação como direito não significou, nas leis nacionais dos países, uma afirmação como direito humano, já que raça e sexo foram critérios constantemente excludentes e incorporados nessas legislações. Do mesmo modo, a existência do racismo independe de um conceito do termo legitimado pela ciência, sendo esta a explicação da “permanência do racismo na atualidade, pois se transformaram as formas de legitimação social e discurso sobre as diferenças humanas, bem como os mecanismos que mantêm as posições de poder entre brancos e não-brancos” (SCHUCMAN, 2014, p.86).

Dessa forma, o racismo vem permeando a sociedade e ganhando formatos em um processo contínuo e que se modifica, englobando roupagens muitas vezes sutis e desconsideradas pela coletividade (PASCALE, 2010; SCHUCMAN, 2014). Para contextualizar essa discussão, considerou-se necessário descrever algumas formas de racismo implícitas nas relações da sociedade e descritas pela academia, tais como: (i) Racismo Moderno; (ii) Racismo Simbólico; (iii) Racismo Aversivo e (iv) Racismo Ambivalente.

O racismo moderno é descrito por van Dijk (2000, p.34, tradução nossa) e cujos formatos envolvem as formas discursivas, ou seja:

são expressas, promulgadas e confirmadas por textos e conversas cotidianas, reuniões de diretoria, entrevistas de emprego, políticas, leis, debates parlamentares, propaganda, livros didáticos, artigos acadêmicos, filmes, programas de TV e reportagens na imprensa, entre centenas de outros gêneros.

McConahay (1986) em seu estudo sobre o racismo moderno demonstrou que a população branca, além de considerar que o racismo é coisa do passado, não reconhece os direitos das pessoas negras de forma igualitária, ou seja, acreditam que não fazem jus às mesmas condições de tratamentos dos brancos.

Lima e Vala (2004) pontuaram que a conjectura do racismo moderno surgiu por meio da conceituação de racismo simbólico. Neste sentido, o racismo simbólico foi analisado de forma específica do contexto estadunidense (KINDER; SEARS, 1981; SEARS, 1988) e figura-se como resistência à mudança no status quo da população após o fim da segregação no país que ocorreu na década de 1960. Trata-se de um entendimento da população branca em relação a sentimentos morais de violação, por parte da população negra, dos valores tradicionais dos Estados Unidos (MCCONAHAY, 1976; KINDER; SEARS, 1981).

O racismo aversivo tratado por Gaertner e Dovidio (1986; 2005), Gaertner et al. (2005), trata-se de sentimentos de desconforto que fazem com que pessoas brancas evitem interações com as pessoas não brancas. Nessa perspectiva de racismo, as normas sociais contra a discriminação é que fazem com que esses indivíduos se contenham para não agirem conforme as suas próprias crenças e sentimentos negativos. O racismo aversivo opera de forma sutil, inconsciente e racionalizável (DOVIDIO; PEARSON; PENNER, 2018).

Essa teoria “prevê que a discriminação necessita de justificação quando se estabelece o conflito entre a adesão sincera das pessoas aos valores da igualdade e da justiça social e a manutenção de crenças e atitudes negativas sobre os grupos-alvo de discriminação” (PEREIRA; VALA, 2010, p. 10). Conforme Dovidio, Pearson e Penner (2018), na conjectura do racismo aversivo, o indivíduo pode apoiar princípios de igualdade racial, considerar-se não-preconceituoso, mas possuir, inconscientemente, sentimentos negativos de preconceito racial enraizados por processo psicológicos.

O racismo ambivalente é derivado de uma ambivalência de sentimentos e atitudes em relação às pessoas negras. Nas interações sociais comuns, essa ambivalência fundamenta as características comuns das relações. A fundamentação da existência do racismo ambivalente está relacionada às pessoas brancas que possuem componentes conflitantes em relação às pessoas negras, vinculado a duas orientações de valores distintas. De um lado opera uma perspectiva humanitária de igualdade que aparenta compromissos com justiça social e simpatia; do outro opera os valores da ética protestante, cuja perspectiva considera as pessoas negras como desviantes dos padrões de comportamento e são apontados como uma ameaça aos seus princípios basilares (KATZ; HASS, 1988).

Essa conjuntura de orientação, cujo formato acentuou a estratificação social, acarretará novos modelos de exploração e submissão. Assim, retomando o pensamento de Mbembe (2014), a raça foi fator originário de inúmeras catástrofes e causa de inúmeras carnificinas, tendo como marca três momentos específicos. O primeiro momento seria o tráfico de homens e mulheres africanas, transformando estes em objetos, mercadorias, moedas; o segundo seria a articulação da linguagem pelas pessoas negras que resultaram em inúmeras revoltas pela independência, revoltas pela liberdade e lutas por direitos cívicos; o terceiro momento trata-se do processo de globalização em que o neoliberalismo impera e traz efeitos de indiferença, onde o trabalho passou a configurar um novo ser humano, aprisionado pelo desejo.

Nessa perspectiva de pensamento, Silva (2001, p.4), ao discorrer sobre o desenvolvimento cultural da ordem econômica capitalista, apontou que o sentido da existência do homem passou a ter fundamento ligado integralmente ao trabalho “Ou seja, o homem está ligado direta e intensamente na sua relação com o trabalho em suas ocupações especializadas,

possibilitando assim uma produção tanto qualitativa quanto quantitativa nas relações sociais de produção [...]”. Neste sentido, fez-se necessária a interlocução da temática do racismo aos apontamentos de uma reorientação da sociedade, cuja lógica seja firmada em uma razão alternativa à visão unilateralmente imposta e vigente nas relações sociais.

2.2 A reorientação da sociedade

O desenvolvimento ocidental com formato racionalizado inseriu-se nos estudos de Weber (1982) e a partir daí, desenvolveu-se todo o aparato de discussão acerca desse ordenamento unilateral de desenvolvimento da sociedade. De forma precedente, a mais valia marxista, cuja exploração tornou-se necessária para o acúmulo de capital, fundamentou o surgimento de relações e reprodução social que permanecem preponderantes na modernidade (LESSA, 2005).

As sociedades ocidentais e todas as que adotaram o seu modo de viver como forma de identificação para o desenvolvimento traduz este formato imperativo de racionalidade que é dissociado da paixão e nega aspectos de subjetividade. Tal supremacia sobrepõe o capitalismo aos valores democráticos (ENRIQUEZ, 1997). Na estrutura social dominante, de racionalidade ocidental, a reprodução discursiva da elite simbólica pode se apresentar como tendenciosa ao propalar modelos mentais com formatos discriminatórios na prática social. Arendt (2010, p.76) pontuou que “As atividades mentais, invisíveis e ocupadas com o invisível, tornam-se manifestas somente através da palavra”

A manifestação do discurso que considera uma abordagem alinhada ao pensamento estruturalista “estará ligada ao processo de subjetivação em massa a partir de hegemonias discursivas. Nesse sentido mais macro, analisar um discurso significa se debruçar sob um corpus que exprima diferentes formas de construção social” (LARA;VIZEU, 2019, p.1).

Para van Dijk (2010), é por meio do discurso (mídia, jornais, política, burocracia, ciência, sistema educacional), da interação e da comunicação que os conteúdos dos modelos mentais, atitudes e ideologias eticamente preconceituosas podem ser formulados e, portanto, disseminados na sociedade para serem adquiridos por seus novos atores, ou seja, desde a infância. A “elite simbólica”, na proposição de van Dijk (2010, p.70), trata-se do grupo

detentor do acesso aos discursos remetidos à sociedade. O papel da elite simbólica torna-se, então, decisivo na disseminação, como também no combate dos preconceitos étnicos que estão na base do sistema de racismo.

De certa forma, o discurso classista pode relacionar a pessoa negra à pobreza, fazendo com que crenças ou atitudes racistas sejam reforçadas, mesmo que inconscientemente. Assim, “atitudes contra determinados grupos racializados podem não refletir ideologias racistas de modo imediato, mas foram historicamente orientadas por elas” (CAMPOS, 2017, p.15). Katz e Hass (1988) pontuaram que muitos brancos adquirem medos e animosidades raciais arraigados nos primeiros anos e nunca os perdem. Logo, tais sentimentos parecem ser supridos pela associação, de forma subjetiva, dos negros ao crime ou com a desordem social.

Os apontamentos para uma reorientação da sociedade podem ser vislumbrados no sentido de considerar o coletivo e responsabilizar-se pelo próximo no decorrer das práticas sociais. Conforme Enriquez (1997, p.16), “os seres humanos e sociais não são somente responsáveis frente às gerações futuras pelo peso de suas ações presentes, mas também pela maneira como eles tratam o passado, como eles registram a história, a aceitam e a deformam”.

Neste sentido, Bauman (1997) pontuou que a responsabilidade pelos outros trata-se de uma lei impessoal, podendo sobreviver ou se perder em uma ordem política de mútuas obrigações cidadãs. A consciência humana deve ser resgatada, já que foi deslocada pelo imperativo tecnológico e pela hiperespecialização das ciências. Responsabilizar-se pelas conseqüências dos seus atos transforma o indivíduo fazendo surgir um sujeito consciente (WEBER, 1991; JONAS, 2006). Tal percepção humana pode ser entendida como “processo pelo qual as pessoas tomam conhecimento de si, dos outros e do mundo à sua volta” (ARAÚJO; AIRES; FARIAS NETO, 2015, p.2).

Em complemento, Habermas (1989) realçou que indivíduo e razão imbricam-se por meio do exercício da reflexão e do distanciamento de normas e condutas socialmente impostas, desfazendo-se de interesses individuais. “Em suma, somente haveria o progresso (humano) ao preço de uma regressão (o “decrescimento” em matéria econômica) aquém da revolução industrial” (LECOURT, 2018, p. 145).

Portanto, mesmo que a repressão do racismo seja condição de conscientização, ela não deve ser considerada a única ferramenta de luta anti-racista. É necessário que haja uma educação orientada para os contextos multiculturais, pois enquanto novas formas de racismo ainda existirem, não haverá avanços na luta contra o racismo e a discriminação (PASCALE, 2010). A educação pode ser um meio de reter e eliminar a desigualdade. Por outro lado, ela pode servir a dois propósitos que se contrariam, sendo capaz robustecer ou diminuir a desigualdade. Portanto, há a necessidade de implementação de estratégias governamentais objetivas para o arrefecimento da desigualdade para que o status social, cultural e econômico familiar não trace uma trajetória previsível estatisticamente às crianças pertencentes a grupos racializados (TOMAŠEVSKI, 2003). Para Diene (2003, p.17, tradução nossa), o sistema educacional e a educação podem acarretar, a longo prazo, mudanças atitudinais, considerando que “São onde o conhecimento, a aprendizagem e os valores são adquiridos, onde a percepção e as imagens são transmitidas e criam raízes e, conseqüentemente, onde os princípios do pluralismo e do diálogo devem, em primeiro lugar, ser firmemente instilados”.

Na perspectiva de Mbembe (2014), são fatores estruturantes da desigualdade, a exclusão, a discriminação e a seleção. Fatores estes condicionados à raça, mesmo que de forma não reconhecida. São fatores que estruturam, ainda, a ausência de direitos e os formatos dominantes contemporâneos. Até que este cenário seja alterado com eliminação do racismo que foi instilado cognitivamente na sociedade, torna-se necessário refletir e lutar por um futuro digno para todos; torna-se necessário responsabilizar-se.

Incluindo, por fim, a discussão de Habermas (1989) acerca da razão comunicacional, poderia ser possível por meio desta razão, apontar caminhos para uma discussão consciente dos interesses da sociedade livres da dominação. Assim, a liberdade habermasiana estaria condicionada à socialização comunicacional consolidada nas estruturas linguísticas que propiciam a reprodução da espécie humana.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A discussão desenvolvida na presente pesquisa, de abordagem qualitativa, considerou o racismo institucionalizado como um “fenômeno social”, tornando-o objeto de estudo (YIN, 2001). Na intenção de se realizar uma ilustração acerca dessa temática e para uma melhor compreensão do racismo inserido nas relações pessoais e sociais, realizou-se uma análise do filme *O Ódio que Você Semeia* (*The Hate U Give*). Tal proposta permitiu trabalhar com o objeto imerso em relações sociais cotidianas (CAVALCANTI, 2017). Para tanto, foram escolhidos cinco trechos do filme como propulsores de uma discussão acerca do racismo, alinhada ao referencial proposto de forma a destacar os formatos do racismo abordados na produção cinematográfica. Os trechos escolhidos ilustram as vivências cotidianas das pessoas negras e pobres no cenário estadunidense e repassam, ainda, uma carga reflexiva acerca da temática proposta.

Os trechos escolhidos foram aqueles que, na perspectiva da pesquisa, apresentaram representatividade adequada em relação às categorias de análise. Para tanto, considerou a necessidade de se estabelecer um elo entre eles para que a compreensão da cumplicidade dos fatos fizesse “surgir um todo significativo” (VANOYE; GALIOT-LÉTÉ, 2008, p.15)

Pretendeu-se apropriar da análise fílmica como estratégia metodológica para “compreender como são (re) produzidas e construídas as representações sociais em torno de um determinado objeto, no caso, o discurso cinematográfico” (CODATO, 2010, p.52). Além disso, tal método permite a percepção do registro ficcional da sétima arte de forma a usufruir melhor da obra (VANOYE; GALIOT-LÉTÉ, 2008).

Aspectos de sublimação dos trechos escolhidos foram considerados no processo de decomposição e interpretação. Tal processo compõe uma importante estratégia para que se possa realizar a reconstrução da obra de forma pertinente (PENAFRIA, 2009). Portanto, além do exame do discurso falado, considerou para a análise outros elementos integrantes do contexto fílmico como a visualidade, música, cenário, iluminação, ação cênica e cultura material implícita (BARROS, 2011).

Neste ponto, o cinema, além de expandir a percepção do seu registro, introduz efeitos de sublimação para a transmissão de efeitos sensitivos (VANOYE; GALIOT-LÉTÉ, 2008; PENAFRIA, 2009). É nesse aspecto que se propõe o ponto de interseção nesta análise. É

salutar refletir sobre a história, sobre o cinema, sobre os aspectos sociais. Partindo do objetivo de analisar as formas de racismo institucionalizado na sociedade, optou-se por categorizar os trechos escolhidos em (i) Racismo Institucionalizado e formas de expressão, (ii) Reorientação da Sociedade.

3.1 Apresentação do filme O Ódio que Você Semeia (*The Hate U Give*)

O Ódio que Você Semeia (*The Hate U Give*) foi lançado nos cinemas mundiais em dezembro de 2018 e trouxe uma narrativa baseada no livro homônimo de Angie Thomas. Com as iniciais do título em inglês forma-se a palavra *THUG*, que na tradução literal significa bandido, mas que no contexto da narrativa dá significado ao movimento social conhecido como *THUG LIFE*. O movimento, livre de investimentos ou qualquer ligação institucional, trata-se de uma iniciativa criada por Tupac Shakur, Rapper da década de 1990, cujo principal fundamento é “O ódio que você semeia para as crianças, destrói todo mundo”.

A narrativa do filme O Ódio que Você Semeia gira em torno dos conflitos de Starr Carter, uma adolescente negra que mora em um bairro pobre de periferia, majoritariamente formado por pessoas negras, mas estuda em uma escola particular de alunos predominantemente brancos, cuja realidade social é oposta à sua.

O pai de Starr, Maverick Carter, é um homem que tem orgulho de ser negro e passa para a família seus valores enquanto pertencente à comunidade em que cresceu e optou por viver. A mãe de Starr, Lisa Carter, aceitou viver no bairro por amor à família, mas decidiu colocar os filhos em uma escola particular, longe da periferia, acreditando que assim eles teriam um futuro melhor e acesso a um ensino de qualidade. Starr, então, passa conviver nestes dois mundos, equilibrando-se para se adequar a ambos. No seu entendimento, ela necessita se adequar de formas diferentes nesses ambientes; em seu bairro, Starr pode ser ela mesma e no seu ambiente escolar, necessita adequar o visual, além de evitar o uso de palavras e gírias que são associadas à população negra.

No início da narrativa, Starr recebe carona de um amigo querido de infância, Khalil. No percurso, os adolescentes são parados pela polícia e Khalil, ao fazer um gesto considerado suspeito pelo policial branco, levou três tiros e morreu no local, na presença de Starr. A partir

desse momento, a narrativa do filme gira em torno do assassinato de Khalil. Starr protagoniza, então, momentos de angústia e dilemas desse trauma psicológico por ter perdido o seu amigo, por ser a única testemunha do crime e, sobretudo, por passar a refletir sobre a sua vivência social, familiar e os aspectos que circundam o racismo.

O filme retratou, ainda, que a morte de Khalil foi o gatilho para questionamentos acerca das circunstâncias profundas das pressões sociais estruturantes que formataram os preconceitos institucionalizados em relação à população negra estadunidense. Com esse enredo, apresentou-se a seguir, a análise e discussão dos dados.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

4.1 Racismo institucionalizado e formas de expressão

Cena 1: O que fazer ao ser parado pela polícia

A cena inicial do filme retrata uma conversa da família Carter. Todos estão reunidos na mesa, Starr, com nove anos; seu meio-irmão Seven, com dez anos; o irmão caçula Sekani, com um ano e a mãe Lisa. O pai, Maverick, instrui os filhos sobre como proceder ao serem abordados pela polícia, deixando claro que um dia ocorrerá e que os filhos precisam ficar calmos, responder somente as perguntas. Instrui as crianças a não se abaixarem caso caia algo no momento.

Em seguida Maverick coloca as mãos sobre a mesa, solicita que os filhos façam o mesmo e os instrui que se estiverem em veículo abordado por policiais devem ter a mesma postura, colocando as mãos sobre painel e não se moverem, enfatizando que a polícia fica nervosa com movimentos bruscos das pessoas negras e que os filhos não devem discutir com os policiais, deixando as mãos sempre visíveis. Conclui com a fala “É assim que vão agir. Entendido? [...] Só porque temos que lidar com isso, não se esqueçam que ser negro é uma honra, porque

vocês vem da grandeza”. Havendo a confirmação de entendimento por parte das crianças, Maverick apresenta aos filhos o Programa de Dez Pontos do Panteras Negras, ordenando-lhes que aprendam todo o conteúdo ressaltando que aqueles pontos eram a declaração de direitos deles.

O primeiro impacto causado por esta cena é a tensão do ambiente em relação a essa conversa. A mãe interrompe o pai algumas vezes, considerando ser um exagero algumas falas, mas no final, a sua expressão é de concordância com o que ele está demonstrando aos filhos. Na interpretação dos atores foi possível perceber a dor dos pais ao relatarem aos filhos a realidade da população negra e como a estrutura policial é orientada para agir ao abordar pessoas negras. Nas crianças, percebeu-se o semblante assustado, antecipando o temor da possível situação relatada pelo pai.

Notou-se a consciência do pai em relação ao racismo institucional que circunda o contexto estadunidense, ao apontar aos filhos o preconceito que eles poderiam sofrer em relação a polícia. É perceptível o seu entendimento em relação ao não reconhecimento adequado para a população negra e faz questão de demonstrar aos filhos como isso é uma ofensa (OLIVEIRA, 2004). Ao apontar o Programa de Dez Pontos do Panteras Negras, ele deixa os filhos conscientes do que circunda a sociedade em relação a toda estrutura moldada e como o racismo é enraizado nas estruturas (WERNECK, 2014). A conversa da família traduz a consciência da população negra de que o racismo permanece na atualidade, legitimado pela sociedade por meio de discursos e demais mecanismos que mantêm as posições em situação de diferença entre os brancos e não brancos (SCHUCMAN, 2014).

A reflexão que esta cena deixa ao espectador é que o racismo é sim um assunto pertinente de discussão nos dias atuais (MILES; BROW, 2003; LIMA; VALA, 2004). Toda a estrutura foi moldada conforme padrões legitimados pela sociedade e pelas instituições.

Cena 2: O assassinato de Khalil

Um carona comum entre amigos com o fim trágico desencadeia as grandes reflexões retratadas no filme. Khalil, amigo de infância de Starr, oferece carona à amiga. No percurso, eles discutem coisas de adolescentes e ouvem hip hop. Uma das conversas envolve o Rapper Tupac Shakur e a sua música. Starr questiona Khalil do porque dele gostar de músicas tão antigas e ele contesta dizendo que Tupac era o melhor Rapper. Khalil explica o contexto das mensagens do músico, e esclarece o contexto de *Thug Life*; “vida bandida” se transforma no significado “o ódio que você semeia para as crianças ferra com todo mundo”. Starr presta atenção no que ele diz e tudo parece fazer sentido.

Um tempo depois, a polícia para o carro em que estão. O primeiro instinto de Starr foi colocar as mãos sobre o painel como instruída na infância, pedindo Khalil que faça o mesmo. Khalil mesmo insatisfeito à instrução, atende o pedido. O policial branco chega à janela e pede que o vidro seja abaixado. Em seguida requisita os documentos de Khalil, que questiona a interpelação. O policial começa a ficar nervoso e inicia uma abordagem truculenta, solicitando Khalil que desça do carro para ser revistado. Neste momento Starr começa a filmar o policial com o celular, mas ele solicita a ela que pare e ela deixa o aparelho cair. Mais uma vez, ela relembra dos ensinamentos do pai e não tenta se abaixar para pegar o equipamento.

O policial pede Khalil para ficar quieto e vai até a viatura. Khalil olha para Starr e tenta acalmá-la. Ela pede para ele ficar quieto e retomar a posição, mas ele se debruça no banco do carro e pega uma escova de cabelo. Na tentativa de desconstrair a amiga, Khalil levanta a escova até a cabeça. Neste momento o policial atira em Khalil três vezes; Starr se desespera e sai correndo do carro. O policial, bastante nervoso, aborda Starr solicitando que fique parada; ela obedece levantando as mãos e em seguida é algemada pelo policial e colocada no chão ao lado de Khalil, que já se encontrava desfalecendo. Starr começa a gritar e chorar, questionando ao policial “O que você fez? O que você fez?”.

O policial comunica o ocorrido pelo rádio. Starr, em seguida, começa a pedir ao policial que ajude Khalil pois ele está sangrando muito. O policial ordena Starr a ficar quieta e anda em volta de Khalil. Em seguida grita, questionando “Onde está a arma? A arma! Onde está?”; Starr responde “Que arma?”. O policial, então, visualiza a escola de cabelo e parece não

acreditar que era o que Khalil segurava, e ele havia confundido com uma arma. Khalil morre ali mesmo.

É uma cena em que a re-significação de Starr e Khalil (LIMA, VALA, 2004) tornou-se o gatilho para os acontecimentos que sucederam a abordagem policial. A raça, mais uma vez, tornou-se fator originário de uma catástrofe (MBEMBE, 2014), o assassinato de um adolescente inocente que estava apenas curtindo a noite com uma amiga de infância. Conforme apontou Mbembe (2014), a dominação contemporânea estruturada por fatores excludentes, discriminatórios e ausência de direitos à população negra, traduz-se nos formatos estruturais.

A afirmação de que Khalil, a vítima, portava uma arma é utilizada para desumanizar sua existência e legitimar sua morte, demonstrando que tal concepção sobre certos sujeitos em relação a violência policial se expressa em espaços vinculados a uma estratégia de “guerra”, decorrente da gestão de espaços urbanos construídos como territórios de “risco”, retratado no filme pelo bairro Garden Heights dominado pela gangue King Lord, e, por isso, vulneráveis ao arbítrio dos poderes “de/da polícia” (FASSIN, 2013; MEDEIROS, 2018a; AMAR, 2013). As atitudes do policial, mesmo de forma inconsciente, foram orientadas por ideologias racistas (CAMPOS, 2017), que associam os negros ao crime e à desordem social (KATZ; HASS, 1988).

Cena 3: Os colegas brancos [fragmentos de cenas do convívio de Starr no Colégio]

A vivência de Starr no colégio em que estuda é marcada, no início do filme, por uma vida dupla. No colégio, Starr evita o uso de algumas vestimentas, de gírias e de gestos que remetam à população negra. Ela entende que fazendo isso, a sua imagem fica associada a “delinquente”; por outro lado, quando um aluno branco o faz, torna-se o “descolado”.

Starr namora Chris, um aluno branco do colégio. Em uma cena que os dois estão se beijando, Starr percebe os olhares dos demais colegas os encarando com desaprovação como se

questionasse o porquê de Chris a ter escolhido para namorar. Em outro momento do filme, após o assassinato de Khalil, Starr volta ao colégio, mas antes de iniciar a aula ela ouve gritos dos alunos dizendo que a aula seria suspensa devido uma manifestação pedindo justiça para Khalil. Starr demonstra ficar chateada dando sinal de que não participaria da manifestação. Há uma breve discussão entre Hailey e Starr quanto à real motivação da passeata, o motivo torna-se claro: matar aula. Ao chegarem do lado de fora, vários alunos já estão se reunindo e seguram cartazes com os dizeres “Justiça para Khalil / A vida dos negros importam”. Starr fica perplexa de ver tudo aquilo e Hailey questiona o que está errado. Starr responde “Isso não está certo”; Hailey complementa: “Quem mais vai defender nossa gente” e Starr responde “Nossa gente?” e vai embora.

Em outro momento nos arredores do colégio, Hailey tenta fazer contato com Starr, mas ela se vira e não lhe dá atenção. Hailey afirma através de uma frase racista que Starr vai superar a perda do amigo porque ele era um traficante de drogas portando uma arma que inevitavelmente em algum momento seria morto. Starr reage dizendo que não era uma arma e sim uma escova de cabelo sendo interrompida por Hailey que afirma que esta se parecia com uma arma. Starr avança na mochila de Hailey, pega a sua escova de cabelo e a questiona se esta se parecia com uma arma sendo respondida por Hailey que na mão de Khalil parecia sim.

Starr avança para cima de Hailey simulando um ataque e a questionando se aquilo parecia uma arma naquele momento. Ela avança falando para Hailey ir para o chão. Hailey cai assustada e começa a chorar; Starr continua com a sua simulação e pede que Hailey pare de chorar e a olhe. Starr então finaliza dizendo “É assim que é” e sai sob os olhares assustados dos alunos que observavam a cena.

As passagens de Starr no colégio são envolvidas por gestos, brincadeiras e falas dos seus colegas que personifica todas as formas de racismo descritas neste trabalho. Os olhares que ela recebe ao se relacionar com o namorado branco demonstram a sutileza do racismo, que ganhou novos formatos na sociedade e são desconsiderados pela coletividade (PASCALE, 2010; SCHUCMAN, 2014); na perspectiva dos racismos moderno/simbólico, bem como do racismo aversivo, (VAN DIJK, 2000; LIMA; VALA, 2004; MCCONAHAY, 1976, 1986; KINDER; SEARS, 1981; SEARS, 1988; KATZ; HASS, 1988).

A postura de Hailey, de apoiar causas afirmativas e, ao mesmo tempo associar o negro à criminalidade e às tendências negativas; de considerar a Starr uma negra diferente, pode tanto ser visualizada conforme os aspectos do racismo ambivalente (DOVIDIO; PEARSON; PENNER, 2018; PEREIRA; VALA, 2010), como do racismo aversivo. Hailey demonstra apoiar princípios de igualdade, considera-se não-preconceituosa, mas possui sentimentos negativos em relação às pessoas negras. Os questionamentos de Starr com a amiga Hailey começam a partir do momento que ela toma consciência da orientação historicamente racista que amiga tem em relação aos negros (CAMPOS, 2017).

Cena 4: Quebrar o ciclo

Este trecho trata-se de uma conversa entre Starr e Maverick, seu pai. Eles estão no quarto de Starr e, no decorrer da conversa, ela reflete com o pai sobre o significado de *Thug Life*. Maverick demonstra conhecer o termo ao completar a frase de Starr “O ódio que você semeia, destrói todos”. Maverick questiona Starr sobre o significado do termo. Starr diz entender que o termo é mais amplo do que apenas valores para a juventude; “Acho que é sobre nós”, pondera Starr. Maverick questiona “Nós quem?”. Starr completa “Os negros. Pobres. Todos inferiores.” O seu pai concorda com a sua reflexão e complementa que o Rapper Tupac tentava ensinar “como o sistema é feito contra nós”. Os dois refletem, ainda, sobre a periferia e sobre a falta de emprego que leva os negros a se envolverem no mundo das drogas. Maverick avalia se tratar de uma armadilha que, assim como o seu pai, ele também caiu nela e acabou sendo preso. Maverick finalizou dizendo que pretende quebrar esse ciclo para os seus filhos.

A cena demonstrou que Starr, ao refletir com o pai sobre a sociedade estadunidense, começou a compreender a predominância histórica cunhada pela segregação e tratamento excludente, que acarretou a institucionalização do racismo (SEARS, 1988; PETTIGREW, 1985). A perspectiva relatada pelo pai demonstrou os possíveis resultados dessa dimensão estrutural do racismo. O racismo institucionalizado nessas estruturas proporciona os formatos que resultam

na desigualdade de resultados e tratamentos, conforme a perspectiva de Werneck (2016). Por fim, ao explicar que pretende quebrar este ciclo para os filhos, Maverick tem a consciência de que o sistema é capaz de traçar uma trajetória previsivelmente excludente para as crianças negras, atestando o que propôs Tomaševski (2003).

Ao refletir junto ao pai sobre o significado de *Thug Life* bem como do formato estrutural excludente da sociedade, Starr inicia um processo de percepção de si, dos outros e do mundo (ARAÚJO; AIRES; FARIAS NETO, 2015).

Cena 5: Chega!

O desenrolar do assassinato de Khalil no bairro de Starr tomou proporções que envolveram de forma positiva a união da comunidade, mas também desencadeou conflitos com a gangue de drogas que dominava o bairro. King, o chefe da gangue, repreende Starr e toda família na tentativa de evitar dar amplitude social à questão para não atrapalhar os seus negócios. Starr e sua família fazem o contrário, deixando King irritado. A passagem escolhida que retrata o ápice da coação de King com a família Carter é um dos desfechos finais do filme. Na cena, King atea fogo na loja de Maverick, com Starr e Seven dentro. Maverick que já estava a caminho da loja, chega ao local e consegue salvar os filhos. Toda a família se reúne por conta do episódio. King, ao observar que a sua ação não havia surtido efeito, confronta Maverick, que não percebe que o filho mais novo Sekani apanha a arma que ele levava nas costas. No auge do confronto, Sekani aponta a arma para King e grita “Deixe meu pai em paz”. Neste momento, a polícia chega ao local e todos ficam extremamente nervosos e gritam para que Sekani abaixe a arma. Os policiais também gritam e apontam as armas para Sekani, que fica imóvel.

Starr, ao lembrar o conceito de *Thug Life*, olha para Sekani, uma criança que, resultado do ódio semeado, está prestes a destruir todos. Em seus pensamentos, Starr reflete que não se trata do “ódio que você semeia” e sim do “ódio que nós semeamos”, contudo “podemos quebrar o ciclo”. Após este insight, Starr toma a atitude de ficar à frente de Sekani com as mãos para o alto e esbraveja para a polícia “Não! Quantos de nós têm que morrer antes que

vocês entendam?”. Com o mesmo olhar questionador, ela se vira para o pai e diz “Chega”. Maverick se acalma e também levanta as mãos.

Esta passagem é uma das cenas mais reflexivas do filme. A tensão e espanto de todos ao ver Sekani apontando a arma e da polícia apontando de volta, foi retratada de forma a induzir um final trágico para a família Carter. A trilha sonora deste momento vai sendo alterada no decorrer dos acontecimentos. A pulsação musical aflitiva e tensa se transforma em uma sonoridade que remete à esperança a partir do momento em que Starr começa a refletir internamente sobre toda aquela situação.

Responsabilizar-se por Khalil ao pensar no conceito *Thug Life*, foi a atitude de reorientação tomada por Starr para “quebrar o ciclo” e traçar uma nova perspectiva à criança. Assim como Enriquez (1997), Bauman (1997), Jonas (2006), Araújo, Aires e Farias Neto (2015), Habermas (1989), responsabilizar-se é o caminho para que os indivíduos se tornem conscientes de si, dos outros e do mundo ao redor. Nessa perspectiva, instituições de áreas sociais como as escolas e a própria polícia tem papel fundamental no processo de mudanças atitudinais para eliminação do racismo alicerçados com a implementação e foco estratégico governamental para essa perspectiva pluralista (TOMAŠEVSKI, 2003; Diene, 2003).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *O Ódio que Você Semeia* é uma obra cinematográfica que possui elevada carga reflexiva acerca do racismo institucionalizado na sociedade e, assim, apresentou-se como objeto de observação na presente pesquisa. Por meio da análise foi possível ilustrar como se dá os processos e a relação racista da sociedade no contexto estadunidense. Permitiu, ainda, identificar as suas formas expressão conforme as relações cotidianas retratadas pelo filme bem como realizar uma discussão alinhada à visão unilateral da evolução da sociedade apresentando, ainda que de forma pontual, caminhos alternativos para a reorientação social.

A igualdade de direitos não é realidade vivenciada no cotidiano das pessoas negras e este cenário apresentou-se como enredo da obra cinematográfica. Os discursos dominantes (política, polícia, imprensa, artigos acadêmicos, empresas, leis, sistema educacional), mesmo

carregados de palavras inclusivas, não condizem com a prática cotidiana concretizada na sociedade em relação à população negra.

O reconhecimento dessa realidade pode ser um caminho a ser trilhado com vistas à reorientação social. A educação, por exemplo, pode responsabilizar-se pela emancipação dos jovens, promovendo a reflexão e o pensamento crítico acerca das questões que envolvem as relações sociais e propiciar o reconhecimento dos princípios do pluralismo e do diálogo. *Thug Life* apresentou-se como um movimento importante de consciência sobre a necessidade de a sociedade trilhar este caminho de reorientação.

O direcionamento dos holofotes acadêmicos para a questão racial tem apontado caminhos interessantes e propiciado discussões necessárias acerca do processo excludente histórico mundial em relação às pessoas negras. É nesse aspecto que a presente pesquisa endereça a sua contribuição. O discurso da elite simbólica que sempre cumpriu o seu propósito e propalou modelos mentais discriminatórios e embrutecidos deve ser questionado. Tais questionamentos, na presente perspectiva, podem ser vislumbrados como um possível cenário em que a visão dominante ceda lugar ao espírito da responsabilidade.

Por fim, ao compreender algumas limitações do estudo, entendeu-se alcançado o objetivo principal. Novas análises poderão depreender-se através de uma sistemática de sustentação teórica em formato mais apropriado. Outras possibilidades de estudos incluem análises do racismo no contexto brasileiro por meio dos filmes “Branco Sai, Preto Fica” e “Quase Dois Irmãos”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. Diálogo entre a filosofia e o cinema. *ALCEU*, v. 15, n.30, p. 168-181, jan./jun. 2015.

AMAR, P. **O arquipélago de segurança: estados de segurança humana, políticas de sexualidade e o fim do neoliberalismo**. Rio de Janeiro: Ed FUFRRJ, 2018.

ARAÚJO, M. V. S.; AIRES, A. C. S.; FARIAS NETO, J. B. A Percepção Humana: Uma Análise A Partir Do Filme “Ensaio Sobre A Cegueira. In: II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CONEDU, 10., 2015. **Anais...** Campina Grande. CONEDU, 2015.

ARENDDT, H. **A Vida do Espírito**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 4 ed., 2010.

BARROS, J. D’A. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas. **Comunicação & Sociedade**, Ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011.

BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. Trad. de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

CAMPOS, L. A. Racismo em três Dimensões: Uma abordagem realista-crítica. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**. São Paulo, Vol. 32, nº 95, p.1-19, 2017.

CAPRA, F. **O ponto da mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAVALCANTI, M. F. R. Diretrizes para Pesquisas Qualitativas em Estudos Organizacionais: Controvérsias e Possibilidades. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 18 n. 3 p. 457–488 Set/Dez 2017, p. 457-488.

CODATO, H. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. **Verso e Reverso**, vol. XXIV, n. 55, jan./abr. 2010.

CONTINS, M.; SANT’ANA, L.C. O movimento negro e a questão da ação afirmativa. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p.209-220, 1996.

DIENE, D. Eliminating racism in a changing world: arguments for a new strategy. *In: Dimensions of Racism: Proceedings of a Workshop to commemorate the end of the United Nations Third Decade to Combat Racism and Racial Discrimination*. Paris, 19-20, February, 2003.

DOVIDIO, J. F.; PEARSON, A. R.; PENNER, L. A. Aversive Racism, Implicit Bias, and Microaggressions. *In: TORINO, G. C.; RIVERA, D. P.; CAPODILUPO, C. M.; NADAL, K. L. Nadal; SUE, D. W. Microaggression Theory: Influence and Implications*. New Jersey: WILEY, 2018.

ENRIQUEZ, E. Os desafios éticos nas organizações modernas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.37, nº2, p.6-17, 1997.

FASSIN, D. The Moral World of Law Enforcement. **The Occasional Papers of the School of Social Science**. Unpublished. PAPER NUMBER 49. MARCH 2013.

GAERTNER, S. L.; Dovidio, J. F. The aversive form of racism. In: DOVIDIO, J. F.; GAERTNER, S. L. (Eds.). **Prejudice, discrimination, and racism**. San Diego: Academic Press, pp. 61-89, 1986.

GRIFFITH, D. M.; CHILDS, E. ENG, E. JEFFRIES, V. Racism in Organizations: The Case of a County Public Health Department. **Journal of Community Psychology**, Vol. 35, No. 3, 287–302, 2007.

HABERMAS, J., ROUANET, S. P. **Habermas 60 Anos**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio, 2006. 353 p.

KATZ, I.; HASS, R. G. Racial ambivalence and American value conflict: Correlational and priming studies of dual cognitive structures. **Journal of Personality and Social Psychology**, 55, 893–905, 1988.

KINDER, D. R.; SEARS, D. O. Prejudice and politics: symbolic racism versus racial threats to the good life. **Journal of Personality and Social Psychology**, 40, 414-431, 1981.

LARA, L. G. A.; VIZEU, F. Mas afinal, o que é o ‘discurso’ em uma análise? Reflexões sobre análises de discurso críticas no campo de estudos organizacionais. In: X Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – EnEO, 5., 2019. Fortaleza/CE. **Anais...** Fortaleza: ANPAD, 2019.

LECOURT, D. **A filosofia das Ciências**. São Paulo: Ideias & Letras, 2018, 150p.

LESSA, S. História e ontologia: a questão do trabalho. **Crítica Marxista**, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.20, 2005, p.70-89.

LIMA, M.E.O; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, set./dez.2004.

LOWY, M. Conclusão: As paisagens da verdade e a alegoria do mirante. In: LOWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhasen: Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2000.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MCCONAHAY, J. B. Modern racism, ambivalence, and the modern racism scale. In: J. F. Dovidio & S. L. Gaertner (Eds.). **Prejudice, discrimination, and racism** (pp. 91–125). San Diego, CA: Academic Press, 1986.

MEDEIROS, F. **Linhas de investigação: uma etnografia das técnicas e moralidades numa Divisão de Homicídios na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018a.

MILES, R.; BROW, M. **Racism**. New York: Routledge, 2003.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social**. Em: MINAYO, M. C. S. (Organizadora); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Editora Vozes, 21ªed., 2002.

O ÓDIO que Você Semeia. Direção de George Tillman Jr. Estados Unidos: Fox Filmes, 2018. 1 DVD (133 min.), son., color.

PASCALÉ, O. **Nuevas Formas de Racismo: Estado de La cuestión en La psicología social Del prejuicio**. **Ciencias Psicológicas**, IV (1): 57-69, 2010.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s)**. In: VI Congresso SOPCOM, 4.,2009. Lisboa, 2009. **Anais...** Lisboa, SOPCOM, 2009.

PEREIRA, C. R.; VALA, J. **Do preconceito à discriminação justificada**. **Revista Inquisitive Mind**, Vol.1, N.º 2-3, 1-13, 2010.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Brasília: São Paulo, 1989. 190p.

SCHUCMAN, L. V. **Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana**. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, 26(1), 83-94, 2014.

SEARS, D. O. **Symbolic Racism**. In: P. A. Katz & D. A. Taylor (Eds.), **Eliminating racism: Profiles in controversy**. New York: Plenum. 1988.

SILVA, S. L. **Razão Instrumental e Razão Comunicativa: um ensaio sobre duas sociologias da racionalidade**. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 2, n. 18, maio/2001.

TOMAŠEVSKI, K. **Racism and education**. In: **Dimensions of Racism: Proceedings of a Workshop to commemorate the end of the United Nations Third Decade to Combat Racism and Racial Discrimination**. Paris, 19-20 February, 2003.

VAN DIJK, T. **New(s) Racism: a discourse analytical approach**. In: S. Cottle (Ed.), **Ethnic Minorities and the Media: changing cultural boundaries**. Buckingham: Open University Press, 2000.

VANOYE, F; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 2008.
WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Ed. Unb, 1991. 2v.

Werneck, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.25, n.3, p.535-549, 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução: Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WE NEED TO TALK ABOUT THE HATE YOU GIVE: a film analysis of institutionalized racism

***Abstract:** This article aimed to promote reflections, through a film analysis, about the institutionalization of racism in American society based on the analysis of the film *The Hate U Give*, in order to align the unilateral view of evolution of society to discussions about racism with the black population. The research becomes relevant due to the recent cases of*

*homicides of black men committed by the North American police without any motivating fact, arousing the indignation and perception in the African American population that they were racial hate crimes. The recurrence of cases provoked a popular uprising called Black Lives Matter. In order to achieve the proposed objective, a bibliographic review was carried out on the historical institutionalization of racism and its new forms of expression as well as the reorientation of society with respect to the racial discursive context. Then, the presentation of the film object of analysis was carried out and the analysis of five sections of the film in order to explore the concepts presented. The results showed that the film *The Hate U Give* has a high reflexive charge about institutionalized racism in American society, allowing to illustrate how the processes and the racist relationship of society occur in that context. This analysis refers only to the film previously mentioned. Despite bringing contributions to the theme, it should not be generalized.*

Keywords: *Institutionalization of racism. Film analysis. Black genocide.*
